



OS PASSARINHOS

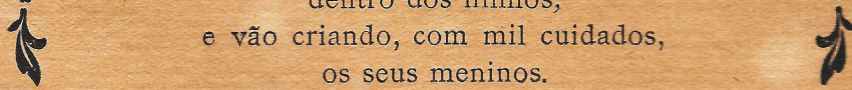
Que bonitos, que engraçados,
que péquenos, coitadinhos,
os estouvados
dos passarinhos!


A sua vida é cantar,
voar,
brincar pelo ar,
e alegrar
com seus chilreios
tão cheios
de graça e boa alegria,
a luz do dia!

Que bonitos, que contentes,
e que espertos, coitadinhos,
os innocentes
dos passarinhos!

A sua vida é voar,
cantar,
brincar pelo ar
em ranchos alegres e mui divertidos,
e quando poisam nos ramos floridos
parece que as flores estão a gorgear!...

Que bonitos, que engraçados,
os pássarinhos,
se estão casados
dentro dos ninhos,
e vão criando, com mil cuidados,
os seus meninos.





E então quando os pequeninos,
já mais crescidos,
podem sair ?...

Vêm com elles os seus paes,
e elles piam,
piam,
piam,
muito contentes, os atrevidos,
assim a modo que a rir
e aos ais...

E os paes
estão mesmo a dizer: —«Vê lá se caes !
Por aqui, por aqui, por este lado,
devagarinho,
que tu és um passarinho,
muito pequeno! Cuidado!...
Sim, quando fôres grande, então voarás;
serás capaz
de subir, de subir, de subir pelo ar,
e de ir subindo,
cantando e rindo,
sempre a voar,
lá tão alto, que o sol fique pertinho
de ti, meu pobre e lindo passarinho!... »

Affonso Lopes Vieira.



A PARTIDA

Era a hora silenciosa e triste do crepúsculo.

Abrumados de ouro os montes, em duros perfís, esmaltavam de negro o horizonte abrazado. Abriam-se as primeiras estrelas. Subiam da terra, como o fumo das aras, pannos alvos de névoa.

Pelos caminhos esbarrondados, em áspero acclive, beijando grotas espontadas de cardos, cántaro ao hombro, as túnicas arrepanhadas á cinta, desfilavam donzellas conversando e rindo.

Juntas, em passo miuda, trepidando nas pedras, com um cheiro de suarda e de silvas, passavam nas trilhas ovelhas em rebanhos. Um rude e mazorro pastor seguia-as cabisbaixo.

Esbatiam-se as nuvens de ouro quando José e Maria appareceram no limiar da casa promptos para a longa jornada, por valles e montanhas, em direcção á terra farta de Bethleem onde iam cumprir a lei de Augusto

Fechada a porta ainda demoraram um instante sob a vinha, contidos pela saudade.

O homem, por fim, decidiu-se, tomou a frente, vagaroso, pensativo e logo, limpando os olhos que as lágrimas nublavam, a donzella seguiu.

Elle grisalho, alto, robusto, ainda que um tanto curvado pelo pendor constante em que vivia, sempre inclinado sobre o lenho do officio, falquejando-o, acepilhando-o, dando-lhe fórma e lustro. Ella, mean de altura, fina e fragil.

Suavemente morena, os olhos grandes e tristes eram dum límpido verde d'água, e como dois lagos puríssimos num areal ao sol; e os cabellos, escapando-se do cairel do manto, punham-lhe na frente uma frisa de ouro.

Mal se lhe adivinhava o collo abotoado.

Os pés, alvos e pequeninos, assentavam em sandálias e toda a sua riqueza consistia em um par de braceletes de marfim que lhe cingiam graciosamente os pulsos finos.

Trilhando a estrada que ia ter á fonte e seguia direito aos campos, paravam para falar ás moças, companheiras e amigas de Maria, para corresponder á saudação dos homens, para attender ás crianças que deixavam os seixos tomando-lhes

o passo, pedindo que lhes trouxessem das terras de além conchas, como as de Ascalon, que conservam no bojo o soluço das ondas.

E Maria, commovida, chorava sobre o sorriso.

Os campos toldavam-se de bruma e as oliveiras de pálida folhagem faziam no recosto das collinas como estendões de névoa.

Ainda havia quem trabalhasse a leira na ânsia do fruto. Chiava um carro de lavoura, o gueiro afalava aos bois animando-os no lance abrupto de uma rampa.

Chegando ao planalto esteril, que dominava os horizontes e onde o vento zunia, os viajantes fizeram uma parada olhando em redor o redente dos montes.

Lá ficava Nazareth no valle feliz, com o seu casario, em cubos brancos, como um pacífico rebanho adormecido.

Ao longe tudo era carregado e lugubre.

A noite chegava primeiro ás alturas.

Isolado, com a lua pairando acima do seu viso, o Thabor era como um peito de gigante de onde houvesse espirrado aquella gotta de leite.

Maria ignorava o mundo. Nunca houvera passado além da fronteira da terra natal. Alongando os olhos pela vastidão que a vista alcançava, montes, várzeas, esplanados desertos tristes, sentia-se mesquinha e com medo.

Voltou-se, ainda uma vez, para olhar o tranquillo recanto em que sempre vivera em pobreza e virtude. Mas a noite baixára; raros lumes picavam a treva. Ouvia-se vago murmúrio, como escachôo d'águas, subindo do fundo obscuro onde jazia a cidade. Sahiu-lhe do coração um suspiro maguado:

—Onde fica Bethleem? José levantou o braço e estendia o cajado na direcção da terra de David, quando uma estrella fulgurou, illuminando radiosamente o ceu profundo.

—Ali! disse o patriarcha, numa voz que tremia, comprehendendo, maravilhado, que aquelle astro surgira dentro da noite como uma resposta de Deus á moça predestinada.



Palavras

sobre o ensino primário

O segundo aniversário da decretação da reforma do ensino primário, no Estado, teve a marca de um acontecimento pedagógico digno de especial assignamento. Queremos nos referir á brilhante palestra levada a effeito, naquelle dia, no grupo escolar José Verissimo, pelo illustre sr. dr. Fléxa Ribeiro, competente secretário interino da instrucção pública, e nosso presado redactor-chefe. Não podia ter mais condigna memoração evento tão relevante. A palavra eloquente do joven e ardoroso tribuno teceu, nos fastos da nossa ainda descuidada pedagogia, uma das suas páginas mais bellas, de incontestavel aproveitamento pelos reaes ensinamentos práticos que encerra. No esplendor sempre novo do seu verbo, restorindo na frescura attrahente da frase, prendendo no enlévo da figura inesperada e inédita, todo um mundo de conhecimentos vários se desdobrou, revelando invulgar e multiplice aptidão, ao serviço da vasta e sólida cultura de um formoso espirito de élite. De parte as suas qualidades superiores de orador bizarro, que tem para cada idéa o relêvo expressivo e exacto da fôrma, e para cada expressão o termo que se lhe ajusta,—o sr. secretário do interior pertustrou o assunto com o carinho e a segurança de quem palmilha terreno que lhe é familiar. De facto, ao lado de Augusto Olympio, outro espirito disciplinado e culto, e a quem deve o Pará serviços inestimaveis, foi elle um dos obreiros mais pertinazes da reforma, que ambos desejavam perfeita, completa, de resultados práticos immediatos e insophismaveis. Fléxa Ribeiro estudou-lhe com amor o modelamento, conhece-lhe as minucias, dirigiu-lhe a applicação, tem-na guiado cuidadosamente na sua evolução atravez do método e da prática. Sente-se, na pertinácia secunda da sua acção, o trabalho inconfundivel de um estudioso e de um apto. Máu grado a resistencia impertinente da rotina avassalladora do meio—Fléxa Ribeiro levou por diante o tentamen salutar, certo da sua efficácia. Com os seus conselhos e com a sua experiencia, amadurecidos no trato perseverante da matéria, acompanhou o docente pelos novos caminhos abertos pela reforma ao nobre exercicio da sua missão. Interessou-o no estudo da psychologia infantil, cujo conhecimento constitue o vehiculo mais seguro na transmissão aproveitavel dos ensinamentos. Despertou a predilecção do mestre pelo seu ministério, conduzindo-o a dedicar-lhe maior somma de esforço, de dedicação, de intelligente e proficua actividade. Estimulou, na suave decorrença das novas práticas introduzidas nos velhos moldes escolares, reciproca e confiante estima entre professores e alumnos, com vantagens indiscutíveis para uns como para outros. Fléxa Ribeiro tem sido, inegavelmente, a alma da reforma; e o zêlo por elle dispendido em prôl de tão alevantado desideratum, com leal e fidalgo desinteresse,—a não ser o de contribuir para o aformoseamento moral e intellectual da juventude da sua terra,—vai já produzindo os fructos esperados. Que o diga, em consciencia, o professorado intelligente do Estado, a cujo labor está confiada a applicação dos novos métodos, e que se tem revelado, pelo preparo e pela perseverança, acima das cruéis injustiças de que tem sido alvo. Redunda, assim, a re-

fôrma, numa bella e consoladôra conquista na esphera da nossa instrucção primária, que renasce e floresce ao influxo dos modernos processos educativos.

As palavras do sr. secretário da instrucção pública sobre o ensino primário têm o subido valor de uma lição pedagógica, cuja súmmula a Revista tem a satisfação de publicar a seguir.



Peço a vossa attenção e o vosso interesse para o que vou dizer-vos.

Muito pouco tenho a acrescentar, como novidade de escolha, sobre o assunto do ensino primário: o que de maior vulto havia no novo método e na sua applicação, já vol-o disse annos passados; esta palestra é apenas um complemento da que fiz, quando os programmas vos foram entregues.

O que nessa occasião fôra talvez para o vosso espirito surpresa ou novidade, hõje ser-vos-ia apenas facto de vossa familiar convivência.

O princípio dominante que presidiu a elaboração da obra, não foi decerto o de substituir as disciplinas ensinadas; nem n'o podia ser: as bases, os fundamentos da instrucção, em toda a parte, se reduzem ás sciências fundamentaes do conhecimento humano. O espirito que a dirigiu portanto, teve como escôpo essencial a introdução e a applicação de um método pratico, de vida toda experimental, em que a *noção* fosse transmittida ao cérebro do educando, por um vehículo concreto, tangível, em que tudo se esperasse da habilidade do mestre em guiar a aptidão individual do alumno. E assim succedendo, o conhecimento que deriva das relações das coisas, só poderia partir do particular para o geral, do determinado para o abstracto, seguindo portanto a evolução mesma da Naturêza.

E' de conveniência dizer-vos que, sobre o ponto de vista philosophico, todos os processos de ensino se reduzem e classificam, como quasi todos os systemas, a tres métodos: o deductivo ou theórico que tem como fundamento ensinar pelos processos abstractos, de fôrma a fazer da educação uma série successiva de *decorações*; o intuitivo ou pratico, que primeiro apresenta o objecto ao exame e observação do infante; e só depois, jogando com a associação das idéas, lhe transmite a noção pela experiência; o terceiro, finalmente, que tomando para seu fundamento, os princípios básicos do inductivo, não esquece a necessidade que ha, de estabelecer as relações ne-

cessárias nas diversas províncias do saber, admittindo que o conhecimento generalizado, é o que nos dá a medida da existência no planeta, quando attinge, com a philosophia, o seu mais alto gráu de unificação.

A' exclusiva cultura latina, devemos, de certo, a decadência de algumas das grandes nações europeas: o desdem da educação physica entra como factor preponderante; e logo a seguir, verificamos na sobrecarga da memória o ponto determinante da anemia cerebral dos ibéricos para as obras de demorada meditação ou de paciência minudentíssima. Ao depois, ainda se depara o mesmo elemento desfibrando as energias moraes, fazendo desses povos seres apáthicos ante a civilização, trovadorescos e românticos, crédulos na realização dum milagre que tudo vem a resolver e orientar na hora terrivel das incertezas.

A hereditariedade de raça é tão íntima entre a nossa formação éthnica e a dos portuguezes, que dispensa, qualquer commentário.

Por outro lado, é mistér que vol-o diga, que o método inductivo, natural entre os ingleses, se fez desse povo uma raça forte, já vai por seu turno estreitando-a na demasia das especializações.

Dois annos decorridos na applicação dos novos programmas, é de justiça confessar, após verificação frequente de exercícos escolares, que apenas a metade dos nossos desejos foi realizada. Se volvermos, porem, o nosso olhar numa visão retrospectiva, architectando confronto entre os velhos moldes e os novos, em que fora decaçada a actual refórma, somos levados, pela verdade dos factos, a affirmar que já conseguimos obra fecunda, de mais do tresdobro do valor.

Todas as gerações passadas saíram das nossas escolas como dum ergástulo onde a memória erigida em faculdade máxima, era o ponto de apoio no qual o professor, com a alavanca das regras, queria levantar o mundo dos conhecimentos.

Infelizmente, no espírito geral do país, ainda predomina o processo mnemónico como método primacial de ensino.

No entanto, o método intuitivo é velho de muitos séculos.

Houve na França, em época quatrocentista, um grande espírito, que foi escritor de escol, philosopho de summa valia,—Miguel Montaigne, que affirmou esta verdade profunda,

cujo valor intellectual só agora descobrimos: *Sçavoir par coeur n'est pas sçavoir*, (Saber de cór, não é saber).

Ainda hoje é o espírito do grande moralista de mil e quinhentos que reflorindo opulentamente na obra de Jean Jacques Rousseau, e transplantando-se através do gênio de Pestalozzi, —vem orientar-nos nos livros dos modernos pedagogistas.

Começarei pelo ensino da *leitura* tratando assim mais particularmente dos programmas primários.

E' uma arte difficil a de ler. Saber ler, é ler com clareza, com lentidão, dando vida á cada palavra, isolando-a ou aproximando-a das que a modificam ou lhe alargam o sentido, imprimindo a cada frase a sua inflexão própria, marcando cada membro do sentido com a sua cadência peculiar.

Na leitura escolar ha duas fases mui distinctas: a inicial que se exerce sôbre o analphabeto, e outra, que vem de seguida, como uma declamação inicial, e que se aperfeiçoa quando a criança, de posse do assunto narrado, do thema desenvolvido, é capaz de emprestar á sua recitação incipiente a vida e o movimento de um pequeno drama verbal, em que as figuras (se se trata de um diálogo), vivam pessoalizadas nas modulações que as distinguem e as caracterizam, ou então, (se é o caso de simples descritiva), possam sobresair, em relevo, nas imagens auditivas, cheias de ar, de luz, como se o ouvinte fosse o leitor mesmo, e se elle assistisse o desenrolar da scena que apenas ouve ler.

No início deste difficil apprendizado, o mestre deve ter uma constante actividade directora, nem só como exemplo a ser copiado, mas principalmente na faina assídua de facilitar os exercícos iniciaes. Assistirá á comprehenssão do sentido das palavras pela criança, acudirá, sollicitamente, aos vícios de pronúncia regional, que tanto defeituam a limpidez e clareza da dicção.

O docente deve de ser o leitor por excellência da aula que preside. A página lida pelo mestre, com intuito pedagógico de fazel-a comprehender pela classe e dal-a como modelo a imitar, fará que o apólogo nella contado, resalte logo, de conjuncto, determinando assim, no espírito do adolescente, uma aptidão especializada, tornando-o capaz de comprehender o assunto, da primeira leitura, como se elle próprio a houvesse deletreado para mais de seis vezes.

A *grammática*, como sabeis, praticámo-la diversamente do que, até antes da remodelação do ensino, entre nós se fazia.

Entre as mais simplificadoras melhorias que trouxe o programma de português é de notar-se a abolição da anályse phonética, com que era de uso suppliciar as intelligências juvenís. Este estudo da phonologia nos cursos elementares, nasceu da preocupação de assimilar depressa as novas conquistas no campo da glotologia. E assim, um saber attinente a philólogos era mandado praticar na juventude das escolas! Banindo a anályse phonética, e outras regras viciosas ou falsas, fazendo, portanto que a criança soubesse a língua, antes de ter a grammática decorada—observastes, decerto, que o menino deixava o seu curso sabendo quási nada desses processos, mas alguma coisa de português.

O conhecimento prático do quadro taxionómico obrigando o estudante a conhecer o valor das palavras de relação, agindo, na frase, vivendo no período,—dispensa o saber prévio das regras e fal-o jamais desconhecer o vocábulo em qualquer situação que o estylo do escritôr o lance, visto como o método por elle empregado nasce da experiência e da observação.

Para o vosso tirocínio diário, aconselhou o governo o manusêio da grammática elementar do notavel philólogo Epi-phânio Dias, tendo por intuito deixar na mão do docente um instrumento dos mais perfectos que possui a nossa bibliographia pedagógica, facilitando assim a applicação referida com um livro que corresponde aos princípios indicados nos grammas.

Manda a justiça dizêr, que o ensino da língua vernácula, dentro desses moldes, está dando resultados satisfactórios.

Para seguimento do curso que haveis feito no ensino da *arithmética*, mui pouco se faz mister dizer-vos: Os cadernos americanos que seriaram a matéria em dez classes, trazem, como introduccção a cada espècie de poblema, uma nota elucidativa, que vale por si só como advertência constante no método a applicar. A par das excellências que encerram, reconheço que essas collecções contêm vícios de linguagem. Infelizmente, a nossa bibliographia didáctica é paupérrima: e o uso dos blocos de problemas se nos impõe sem possível escolha, pois outros, de natureza congênere, não existem em vernáculo. Tanto as-

sim que as mesmas referidas collecções estão no folheio constante das escolas de S. Paulo e Rio de Janeiro.

O ensino da *aritmética*, como até então era praticado, revestia-se das fórmulas bárbaras da *decoreção*. E ainda não deve estar desterrada da nossa memória de como a criança, na inconsciência de autómato verbal, recitava as regras do Trajano, que a obrigavam a decorar. Na mór parte dos casos, o alumno, após o recitativo, estarecido diante do quadro negro, dando tratos á memória, era incapaz de iniciar com sciência a operação.

Dos systemas mnemónicos prefiro ainda o do velho Castilho António, sabedor-mór de coisas da língua, que manda a puerícia aprender a contar, sem excessivo dispêndio da attenção, ao suave e insinuante influxo da música. E era de vêr o júbilo ruidoso com que a meninice daquelles tempos entoava a cantoria dos números!

O apprendizado de *aritmética* deve ter, portanto, para não ser exhaustivo e dar resultados immediatos, uma feição essencialmente prática,—Não se queira vêr nas minhas palavras tenazes no louvar a experiência como fatôr inicial de todo conhecimento, a pouca valia que possa ter a *memória*. A retentiva, sendo o archivo onde se deposita o assimilado, deve de ser constantemente exercitada, na harmonia proporcional das demais faculdades.

A questão reside em fazel-a exercitar-se, desenvolver-se com os factos concretos, e não com as idéas abstractas.

A imagem material dos objectos que entraram no jogo das relações donde nasceu a noção assimilada, é um elemento de summa importância para facilitar a frequência das associações das idéas, criando os reflexos novos, ponto fundamental do método intuitivo.

A hypertrophia da memória, que é a base da *decoreção*, dá em resultado o adormecimento das outras faculdades, deixando a *observação* num estado de torpor continuado, fazendo que o cérebro se recuse constantemente á attenção e ao raciocínio.

Aprender a addição, jogando com a aproximação de objectos homogêneos do nosso trato quotidiano, é um exercício que se effectua facilmente, quasi um brinco para a adolescência, de um interesse constante, em que a curiosidade pueril se aviva e expande no fito de saber o resultado total da operação.

Com o programma actual o menino aprende a contar com objectos, relacionados entre si na vida anecdótica dos problemas. Dispense assim menor somma de energia, e retém melhor o conceito aprendido. O lucro maior, porém, resulta de que os problemas são os casos vivos, organizados de outros similares, que o estudante terá de encontrar nas necessidades reais da vida.

Para o espírito curioso da criança, é estudo dos mais interessantes o da *geographia*. Forçar porém o encéfalo juvenil a reter a nomenclatura dos rios, das cidades, das montanhas, é applicar á criança um dos mais cruéis supplicios, uma espécie de sevícia cerebral, fazendo-a entediarse ás primeiras lições, e sómente guardar na sequéncia aprendida esse vago cardume de nomes abstractos, que nada lhe dizem, nada representam perante a sua intelligéncia.

No entanto, com o auxilio dos mappas, das espheras, banido o livro, é uma sciéncia cujo conhecimento desperta, na ánsia de saber que é ingénita á espécie,—o mais intenso prazer.

Posto de parte os vícios dos processos anteriores, a mesma orientação dada ao ensino d'essa disciplina desviava por demais o curso natural em que se devia circumscrever tal matéria, na instrução primária.

Ao envez de sabermos da ordem dos accidentes physicos da Europa ou África, é antes de poderosa vantagem que o alumno se familiarize, mui de perto, com a *geographia* do país.

D'esse feitio, elle deve de começar a instruir-se na conformação physica da cidade; ao depois, conhecerá a *geographia* do seu Estado e do Brasil, e por fim, numa súmmula, saberá da distribuição dos vários accidentes do planeta em outras partes da terra.

E cumpre ao professor, sempre que aso se lhe offereça, relacionar os nomes geográficos com o facto histórico que por ventura os haja assignalado.

Na applicação dos novos programmas ha um facto que merece mencionado: Apraz-mê fazel-o porque se me offerece oportunidade para vos expressar os meus decisivos louvores pelo esforço diligente, tenacidade e intelligéncia didática com que vos houvestes no ensino das *sciéncias naturaes* e *licção de coisas*, no decurso do biénio pedagógico.

A novidade das disciplinas no curso primário, de certo,

seduziu particularmente a vossa attenção. E a vossa diligência encontrou no espírito da meninice terreno apropriado e fértil em que o exemplo das vossas lições germinou fecundamente: a forma puramente concreta das sciências naturaes foi o encanto constantemente novo desse tirocínio.

Deveria toda a organização dos cursos elementares, iniciar-se sempre pelo conhecimento do mundo que nos cerca, especializando o estudo das duas mais perfeitas manifestações da vida no planeta: a *zoologia* e a *botânica*. A cada conhecimento que a criança adquiria, experimentalmente, do systema orgânico e funcional dos animaes e das plantas, tinha a revelação palpitante de uma descoberta. No estudo particular do corpo humano (funções de nutrição e relação), o interesse da infância crescia; conhecia a sua própria vida interna; era como se assistisse á conquista de um mundo desconhecido.

Tratando das vantagens oriunda do *ensino das coisas*, o orador accentuou o seu valor eminentemente prático, fazendo notar a facilidade que tem o mestre de ensinar as mais completas relações existentes entre as coisas e os sêres, por este processo. E, de relance, lembrou as idéas de Rousseau transfundidas na obra experimental de Pestalozzi, o mestre d'este systema de ensino.—Declarou o conferencista reservar para o fim de sua palestra o referir-se á educação physica. Julga-a o elemento inicial de todo o tirocínio educativo. Sem ella as outras modalidades que se lhe seguem—a intellectual e a moral—jamais poderão verdadeiramente attingir o *desideratum* almejado.

Citando palavras de Spencer, disse que a condição vital de todo individuo é, antes do mais, ser um bello animal. Além dos beneficios que a educação physica traz ao equilibrio da saúde, á cinesthesia orgânica, é ella o factor inegualável da Belleza e da perfeição moral.

Perorando, concitou o mestre a que, na sua magna função de organisador da nova Pátria, jámais descurasse o cultivo diuturno d'essa rara flôr de delicados extremecimentos que é, na criança, o sêr moral.

Na communhão social, o typo representativo de uma nação e de uma raça é aquelle que se affirma, desirmanando-se dos seus congêneres, pelas suas virtudes de character, integridade de consciência, exercício frequente e inquebrantavel da vontade.

A penna e o canhão

Para a carteira de um pequeno estudante

Um dia, por acaso, se encontraram, num vasto campo desolado, onde se houvera assignado um armistício entre inimigos mortaes, uma pequenina penna e um terrivel e negro canhão.

A penna fôra abandonada alli com o mais solenne desprezo, ao lado daquelle monstro de aço com que as nações defendem o santuário da paz, em nome da justiça e do direito...

Em meio do silêncio, por entre o cheiro dos cadáveres apodrecendo aos montões, a penna falou assim:

—Como a guerra é devastadora e criminosa! Momentos antes eram 100 soldados, 100 homens que amavam a pátria, que tinham família, mãe, esposa, noiva, irman; agora são 100 cadáveres mutilados, uma pátria amesquinhada, tudo destruido emfim.

E quem fez tudo isto?

O teu poder, canhão asassino, infernal máchina de guerra, vilipêndio da humanidade, escárneo da vida humana, tu que deixas, por onde passas, a viuvez, a dôr, o desespero, a desolação, o luto, a morte, destruindo cidades, ceifando vidas, matando indústrias, apunhalando a paz.

—Quem és tu? pergunta, tenebroso, o terrivel canhão.

—Sou a penna, a immortalidade dos povos, a glória do mundo, a garantia do direito, a alavanca da civilização.

A nossa missão é diametralmente opposta. Amas a causa do mal; eu, a causa do bem; lutas pelo crime, eu combato pela paz; és o emissário da morte, eu sou o ramo de oliveira, da concórdia e da justiça; és poderoso, mas amaldiçoado; eu sou fragil, mas abençoada; vomitas fogo e destruição, eu semeio a mansidão e fulgurações de estrellas, á luz das quaes caminham as nações para a perfectibilidade.

Foge para o antro; eu represento a luz; teu poder é grande; o meu é maior ainda, e neste combate em que te empenhas commigo, abutre férreo da morte, vencerei sempre, sempre, em nome da sociedade, da paz, do progresso, da escola, da lei, da humanidade e de Deus.

—Quanto sou amaldiçoado! diz o terrível monstro d'aço.

Quando vou por uma rua arrastado como em triumpho, depois de uma victória, os menos offendidos se retraem e aquelles a quem causei a perda de tudo quanto amaram na terra blasphemam contra mim; as crianças sem pai reforcem-se de desespero; só oiço gritos, lamentos, pragas aterradoras.

No entanto, para a penna estão todas as portas abertas; ella brilha nos domínios da sciência; fulge radiosa nas escolas; grande, como é, cabe na menor mão. Mas... eu ainda governo o mundo! ruge o canhão formidavel.

—E' porque a humanidade covarde ainda não soube com um simples golpe meu esmagar o monstro que a degrada, a rebaixa, a destroe, disse do seu recanto a leve penna immortal.

E' porque a justiça, o direito e a ambição dos homens são tão miseraveis que vão covardemente pedir-te amparo e protecção.

Mas um dia a humanidade ha de comprehender finalmente que só se deve empenhar numa guerra única, nobre, grandiosa, sublime e sagrada: a guerra da paz, do amor e da civilisação.

Teodoro Rodrigues



MAURICIO MÆTERLINCK

Deste notavel escritor iniciamos a publicação de algumas páginas sobre a Vida das Abelhas, devidas á penna do nosso collaborador S. de Padilha.

O autor d'A Sabedoria e o Destino é um philósopho e um artista. Sua obra vive sempre involta na esperança e na consolação dos destinos na vida.—A Vida das Abelhas é um livro de naturalista emérito, e onde a experiencia se enquadra num mundo de generalizações philosophicas que o deixam isolado no meio da exuberante producção moderna. E' livro de estudo e de meditação. Nas suas páginas deleita-se a criança; commove-se a juventude; medita a velhice.

Mæterlinck, tempos ha, levou á scena uma curiosa mágica—O Passaro Azul—, que lhe trouxe em recompensa o premio Nobel, de literatura.

Existe, do autor da Intelligencia das Flores, uma traducção portuguesa d'A Sabedoria e o Destino, feito por Nestor Victor.



A Vida das Abelhas

(Trad. especial para a Revista)

De Mauricio Maeterlinck

No limiar da colmeia

Afim de acompanharmos com a maior simplicidade que possível fôr, a história annual da colmeia, observaremos miudamente uma das muitas que desperta, á primavera, e principia os seus trabalhos:—veremos assim, desenrolarem-se, em sua ordem natural, os grandes episódios da vida da abelha, a saber: a formação e a partida do enxame, a fundação da nova cidade, o nascimento, os combates, o vôo nupcial das jovens rainhas, a mortandade dos machos e a volta ao somno do inverno. Cada um desses episódios trará todos os esclarecimentos necessários sobre as leis, as particularidades, os hábitos, os acontecimentos que os provocam ou os acompanham, de maneira que, ao fim do anno apículo, que é breve, e cuja actividade vai de abril ao fim de Setembro, teremos deparado com todos os mystérios da *casa do mel*. Por ora, antes de a abrir e de observá-la, ainda que ligeiramente, basta-nos saber que a colmeia se compõe de uma rainha, mãe de todo o seu povo; e mais, de milhares de operárias ou neutras, fêmeas incompletas e estéreis, e emfim de algumas centenas de machos, entre os quaes será escolhido o esposo único e infeliz da soberana futura, que as operárias elegerão após a partida mais ou menos voluntária da rainha regente.



A primeira vez que se abre uma colmeia, experimenta-se uma emoção igual á que se teria em violar um objecto desconhecido e talvez chêio de temíveis surpresas: um túmulo por

exemplo. Ha em torno das abelhas uma lenda de ameaças e de perigos. Persegue-nos a nervosa lembrança dessas picadas que provocam uma dôr tão especial, que se não sabe bem a que comparal-a, dir-se-ia uma aridez fulgurante, uma espécie de chamma do deserto que se espalha pelo membro ferido; é como se essas filhas do sol houvessem extraído raios irritados de seu pái, um veneno resplandescente, para defender os thesouros de doçura que ellas tiram de suas horas bemfazejas.

Verdade é, que aberta sem precaução, por alguém que não conheça nem respeite o character e os hábitos de seus habitantes, a colmeia se transfórma instantaneamente em um ardente silvedo de cólera e de heroísmo. Nada porèm é mais facilmente adquirível que essa particular habilidade, necessária para manejal-a impunemente. Um pouco de fumaça projectada a propósito, muito sangue frio e brandura, bastam para que as operárias, se bem que armadas, se deixem despojar, sem pensarem ao menos em tirar o ferrão. Ao contrário do que já se affirmou, as abelhas não conhecem o seu dono, tam pouco o temem,—mas ao cheiro da fumaça, aos gestos lentos com que esta lhes percorre a moradia, sem as ameaçar, imaginam que se não trata de um ataque, ou de um grande inimigo contra o qual lhes seja possível de se defenderem, mas sim de uma força ou de uma catástrophe natural, á qual convem humilde submissão. Ao envez de lutar vanmente, e cheias de uma previdência, que sómente se engana por muito longe prever, querem ellas ao menos salvar o futuro, e atiram-se ás reservas de mel para beber e esconder em si mesmas o necessário com que fundar em outro sítio, uma cidade nova, se a antiga for destruida, ou se ellas forem forçadas a abandonal-a.



Quando se abre uma colmeia de observação (1) diante de um profano, tem este immediata desillusão.

Havia-se-lhe affirmado que esta caixa de vidro continha uma actividade sem exemplo, um número infinito de sábias

(1) Chama-se *colmeia de observação*, uma colmeia envidraçada, e provida de cortinas pretas ou de venezianas. As melhores contêm uma só prateleira, que permite de observal-as pelos dois lados. Póde-se, sem perigo e sem inconveniente, instalar essas colmeias, em um salão, numa sala de estudo etc. As abelhas que habitam a que tenho em París, no meu gabinete de trabalho, recoitam no deserto de pedra da grande cidade, o sufficiente com que possam viver e prosperar.

leis, uma somma espantosa de génio, de mystérios, de experiências, de cálculos, de sciências, de indústrias diversas, de previsões, de certezas, de hábitos intelligentes, de sentimentos e virtudes estranhas. E elle sómente descobre um monte confuso de pequeninas bagas arruivadas, iguaes a grãos de café torrado, ou a passas agglomeradas contra as vidraças. Estão as pobres bagas mais mortas que vivas, abaladas por movimentos lentos, incoherentes e incompreensíveis. Difficil tórna-se ao observador, de reconhecer as admiraveis gotas de luz, que ainda ha pouco, se inclinavam, resaltavam impetuosamente, sem repouso, sobre o hálito animado, cheio de pérolas e ouro, de mil corollas desabrochadas.

As abelhas tremem nas trevas. Sentem-se sem ar, em meio á multidão friorenta; dir-se-ia serem prisioneiras infermas ou rainhas destronadas, que tiveram apenas um segundo de fulgor entre as flôres illuminadas do jardim, para, de súbito, se reintegrarem na miséria vergonhosa de sua triste e encombrada moradia.

Acontece com ellas o mesmo que se dá com todas as realidades profundas. Devemos aprender a observal-as. Um habitante de outro planeta, que visse os homens irem e virem quasi insensivelmente pelas ruas, agglomerarem-se entorno de certo edificio, esperar não se sabe bem o que, sem movimento apparente, no interior de suas casas, concluiria tambem que elles são inertes e miseraveis. Só com o tempo é que se destrinça a actividade múltipla desta inércia.

Na verdade, cada uma dessas pequenas bagas, mais ou menos immóveis, trabalha sem descanso e exerce um differente mestér. Nenhuma conhece o repouso, e as que, por exemplo, nos parecem mais adormecidas, e se penduram de encontro as vidraças, como cachos mortos, têm a mais mysteriosa e a mais fatigante das tarefas: fabricam e segregam a cera. Encontraremos, breve, o detalhe desta actividade unânime. Por emquanto basta chamar a attenção sobre o traço essencial da abelha,—o que explica a accumulção extraordinária deste confuso trabalho. A abelha é antes de tudo, e ainda mais que a formiga, um ser de multidão. Não póde viver senão amontoada. Quando sai da colmeia,—tão cheia que ella vai abrindo caminho aos empurrões, através das muralhas vivas que a encerram—, sai ella do seu elemento peculiar. A abelha mergulha por um momento no espaço cheio de flores, como o mergulhador desce no Oceano cheio

de pérolas, mas sob pena de morte, precisa ella de, a intervallos regulares, vir sorver o ar da multidão, da mesma fôrma que o nadador volta á tona a respirar. A quando isolada, embora prevenida de viveres abundantes, e na mais favoravel temperatura, expira ao fim de alguns dias, não de fome, tam pouco de frio, mas de solidão. O acúmulo, *a cidade*, depreheende para ella um alimento universal, e que lhe é tão indispensavel quanto o mel. Devemos de observar essa necessidade, para fixarmos o espirito das leis da colméia, onde o individuo nada vale,—tem apenas uma existéncia condicional, não passa de um momento indifferente, um órgam alado da espécie. Toda a sua vida é um sacrificio total ao ser innumeravel e perpétuo do qual faz parte. E' curioso de se verificar que nem sempre assim aconteceu. Encontra-se ainda hoje entre os hymenoptercs mellíferos, todos os estados da civilisação progressiva da nossa abelha doméstica. Ao baixo da escala, ella trabalha sossinha, na miséria; chegam muitas vezes, a não ver a sua descendência;—vive, frequentemente, em meio duma pequena familia annual que ella cria. Fôrma em seguida associações temporárias; e chegam, enfim, de grão em grão, á sociedade mais ou menos perfeita, mas impiedosa, das nossas colméias, onde o individuo é inteiramente absorvido pela república, e onde a república, por sua vez, é com regularidade sacrificada á cidade abstrata e immortal do futuro.



Não nos apressemos de deduzir desses factos conclusões applicaveis ao homem. O homem tem a faculdade de se não submitter ás leis da natureza; o ponto mais grave e menos claro da sua moral, é saber se faz bem ou mal em usar dessa faculdade.

Mas nem por isso ha menor interesse em surprehender a vontade da natureza em um mundo differente. Ora, na evolução dos hymenopteros, que são,—immediatamente depois do homem—, os habitantes do nosso globo mais favorecidos em relação á intelligéncia, esta vontade transparece, limpida. Tende visivelmente ao melhoramento da espécie, mas demonstra ao mesmo tempo que só o deseja e póde obtel-o, com detrimento da liberdade, dos direitos e da felicidade peculiares ao individuo. A medida que a sociedade se organiza

e se eleva, a vida particular de cada um dos seus membros vê decrescer o seu círculo. Dêz que ha progresso em alguma parte, elle só resulta do sacrificio cada vez mais completo do interesse pessoal, ao geral. E de princípio, deve cada um de renunciar aos seus vícios, que são actos de independência. Assim, no penúltimo degráu da civilização ápica, encontramos os zângãos, que ainda são iguaes aos nossos anthropóphagos. As operárias adultas circulam sem tréguas em torno dos ovos para os devorar, e a mãe é obrigada de os defender furiosa e tenazmente. Em seguida,—e depois de se ter corrigido dos mais perigosos vícios,—deve de cada um adquirir certo número de qualidades, cada vez mais penosas. As operárias dos zangãos, por exemplo, não pensam sequer em renunciar ao amor; ao envez que a nossa abelha doméstica, vive em perpétua castidade. E em breve veremos, tudo o que ella abandona em troca do bem-estar, da segurança, da perfeição architectural, económica e politica da colméia: e voltaremos á surprehendente evolução dos hymenopteros, no capitulo consagrado ao progresso da espécie.

S. de PADILHA.



LÊR NO PRÓXIMO NÚMERO:

Notas sobre a educação

Por Fléxa Ribeiro

Por Theodoro Rodrigues:

Factos da linguagem

{ O português no extremo-norte—Alteração da prosódia—Termos novos—Notas ao Dicionário de Brasilerismos.

Do nosso distincto collaborador, dr. Acylinº de Leão, inseriremos também, no fascículo vindouro da Revista do Ensino, um interessante estudo.

Jornal dum naturalista

Viagem de Agassiz ao Pará—1865

11 de Agosto:—Hontem pela manhan, ainda cedo, algumas manchas amarelladas espalhadas por qui por lêm á superfície azul do oceano, nos annunciavam o Amazonas. Essas manchas augmentavam progressivamente, e a água doce invadia cada vez mais o mar; enfim, pelas dez horas estamos em plena embocadura do rio. Não lhe vemos porem as margens, pois que duzentos e quarenta kilómetros separam-n'as uma da outra, e assim podemos imaginar que ainda permanecemos no immenso Oceano. A medida que nos aproximamos da cidade, as numerosas ilhas que abrigam o porto do Pará, restringem cada vez mais a visão, e quebram a monotonia da enorme massa d'água doce affluente. Ancoramos pelas tres horas; arrebentou porem violenta tempestade: ribomba o trovão, a chuva cáe a cántaros;—ficamos todos a bordo, com excepção do Major Coutinho.

Foi elle annunciar a nossa chegada ao seu amigo, o Sr. Pimenta Bueno, que teve a bondade de nos offerecer sua casa por todo o tempo de nossa estadia na cidade.

Passou a chuva esta manhan, o tempo está esplendido; ás sete horas, duas lanchas vieram nos buscar a bordo, mailas nossas bagagens. Logo que chegamos ao porto dirigimo-nos ás vastas habitações onde ficam os escritórios e armazens do Sr. Pimenta Bueno. Teve elle a gentileza de mandar preparar diversas grandes e bellas salas para nosso laboratório e depósito; no andar superior, quartos frescos, bem arejados, pertencem aos nossos companheiros. Como chegassem elles antes de nós, haviam armado as suas redes, arrumado as suas roupas, e já se achavam installados como numa verdadeira pensão de celibatários. Postos em ordem os aparelhos da expedição, tomamos um carro para irmos, de visita, á casa de campo do Sr. Pimenta. Fomos aí acolhidos com a mais carinhosa bondade. Mas o Sr. Agassiz não pára; volta immediatamente á cidade em companhia do Major Coutinho; é que

não tem elle tempo a perder, e urge iniciar os trabalhos de laboratório.

Quanto a mim permaneço na chácara, e passo uma deliciosa manhan com as donas da casa, que me dão a provar a famosa bebida, que se extrahе dos frutos da palmeira *assahyсеiro*. Esses frutos são do tamanho de uma amora selvagem, e de côr parda escuríssima. Depois de se os fazer ferver, são amassados e dão um succo abundante de tonalidade púrpura sombria, análogo ao succo da amora. Depois de peneirado toma elle a consistência do chocolate. O sabor é de leve adocicado, mas é um manjar muito delicado quando misturado com um pouco de assucar e de *farinha de ágoa*, (1) espécie de farinha torrada feita em pó grosseiro, extrahida dos tubérculos da mandioca. Na província do Pará, toda a gente, sem distincção de classe, é apaixonada por esta bebida, e té mesmo ha um provérbio segundo o qual:

Qui visite Pará
A regret s'en ira ;
Mais qui l'assahy boira
Jamais né partira. (2)

12 de Agosto—Cedo ainda, levantamo-nos e fomos visitar a cidade. Os arredores tiveram cuidados especiaes, e a rua de Nazareth, larga avenida que percorre desde o centro té aos arrabaldes, é plantada de bellas árvores entre as quaes abundam as mangueiras, numa extensão de quatro a cinco kilómetros. Pelo caminho notamos uma palmeira, de haste esbelta e elegante, preza de enorme parasita que a suffocava implacavelmente. E' tal a luxuriante vegetação do assassino, que os seus ramos desabrochados e sua espessa folhagem não nos deixam ver, de princípio, o tronco inteiramente escondido, e do qual elle suga a seiva. Só no cimo da palmeira é que algumas folhas, em fórma de leque, se escapam das garras do inimigo e atiram-se doidamente, como que a fugil-o, para o ar e

1) Em português, no texto.

2) Quem chegou ao Pará,
parou;
E, quem bebeu o assahy,
ficou.

para a luz. Mas a desgraçada árvore não poderá resistir por muito tempo; alguns dias mais, e a sua morte trará para o assassino, a hora do castigo.

Alguns passos mais longe, encontramos nessa mesma estrada, uma outra prova, e incantadora desta vez, da exuberância da vida vegetativa nessas paragens. A beira dum caminho encontramos uma casa em ruínas, ou uma construção inacabada. Seja o que for, só existe um esqueleto: paredes com as aberturas das portas e das janellas. A natureza porem, completou o edificio: cobriu-o com um bello telhado de verdura, forrou as paredes de trepadeiras, transformou-o inteiramente num jardim a seu gosto—e a casa deserta, a falta d'outros habitantes, é pelo menos a moradia dos pássaros. E' um quadro delicioso, junto ao qual nunca passo sem que deseje possuil-o em *croquis*.

Assim que chegamos á cidade, fomos direito ao mercado, que fica a beira d'água, e muito nos agradou vermos chegarem as canoas dos indígenas. A *montaria* (1) (assim designam elles a sua embarcação) é uma canôa longa e estreita, coberta numa extremidade dum tecto de folhas secas, e embaixo do qual vive a família; é aí que o Indígena se sente verdadeiramente em seus cómodos; aí vivem a mulher e seus filhos; têm as suas redes, sua louça, as suas vasilhas de barro, toda a sua mobília emfim.

Em algumas destas *montarias*, as mulheres occupavam-se no preparo da refeição, fazendo café ou cozinhando tapioca; para vendel-a, mais adiante espalhavam, essa louça de barro grosseira, da qual fazem todo o seu vasilhame, e que as vezes tem fórma graciosa e elegante. Quando nos fartamos deste espectáculo, demos uma volta em frente á exposição das mercadorias: os mercados brasileiros, no entanto, são bons ou máus comparados uns aos outros. O abastecimento é menos que medíocre em variedade; quasi nada ha que ver, os Brasileiros não têm senão pouquíssimos legumes—o que, no entanto, seria facilimo cultivar, e em farta e variada abundância.

19 de Agosto.—São 10 horas da noite. Acabamos de embarcar no vapor no qual subiremos o Amazonas, e antes

1) Em português, no texto.

do alvorecer largaremos ferro. A semana que findou foi para mim um delicioso intervallo de repouso e de descanso. O mesmo não se deu com o Sr. Agassiz. No dia em que chegamos ao Pará, graças á bondade do nosso hospedeiro, grandes salas já se achavam arrumadas, formando um admiravel laboratório e, desde o momento em que o Sr. Agassiz nellas penetrou, pela primeira vez, os espécimens affluíram abundantemente de todos os lados. Os membros da expedição formam apenas fraco contingente da brigada de amigos da Sciência que trabalhou para elle e com elle.

Se o nosso naturalista foi feliz nas suas collecções zoológicas, o major Coutinho não o foi menos em suas observações geológicas, meteorológicas e hydrográficas. A sua co-opeação foi de um valor inestimavel, e o Sr. Agassiz não se cança de bemdizer o dia, em que tendo a sorte de o encontrar no palácio imperial, teve elle a idéa de acompanhar nossa expedição. Seus conhecimentos científicos, sua comprehensão perfeita da língua dos indígenas, *língua geral* (1), e sua grande familiaridade com os usos deste povo, tornam-no o mais importante dos nossos collaboradores. Graças a elle abrimos uma espécie de jornal onde, ao lado do nome científico de cada espécimen, o Major menciona o nome com que, vulgarmente os designam os Indígenas,—e mais: todas as informações que lhe é possível de nos dar, sobre o *habitat* e os costumes dos animaes.

Daniel Glauro

1) *Em português, no texto.*

LUIZ AGASSIZ

Segundo as doutrinas e o ensinamento de Cuvier, AGASSIZ se fizera um dos mais notaveis naturalistas do século passado. Os seus trabalhos sobre echiologia são notabilísimos. Nasceu na Suissa, em 1807.

*Em 1865 emprehende sua viagem á América demorando-se na Amazônia onde fez estudos originaes. Damos de sua permanência no Pará, um fragmento do seu **Jornal de Viagem**, escrito por Madame AGASSIZ.*

Agassiz morreu em New-York em 1873, onde após a sua célebre exploração científica, elle havia fixado residência, como professor da cadeira de Zoologia da Universidade de Cambridge.

NOTÍCIAS LITERÁRIAS

Coelho Netto e os seus livros didácticos

COELHO NETTO é um escritor resplandecente. Sua obra fecunda e admirável, é o mais alto testemunho da nossa validez intellectual para os trabalhos de arte. O autor do MYSTÉRIO DO NATAL concentra actualmente a sua actividade incansavel nos livros de natureza didáctica.

Comparando a bibliographia pedagógica que até então possuíamos, e a do grande escritor, logo se nos depara, resaltando em contraste, a comprehensão esthética de COELHO NETTO: os nossos livros escolares antes dos seus trabalhos não passavam, em geral, de compêndios para a venda commercial, sem outro intuito alem do de encerrarem a matéria que lhes era peculiar. E, d'ahi, o vemos obras em que o thema é ás vezes tratado com certa largueza de vista, mas em que a fôrma tropeçante e gaga, o estylo desfibrado e manco, o vocabulário paupérrimo e estafado de lugares communs sem conta,—denunciam nos seus autores inaptidão congênita para obras pedagógicas.—A primeira condição dum livro escolar é que elle reúna, a par da correccão da linguagem, cuidado no estylo, de maneira que a sua fôrma seja um elemento constante de agrado para a criança, abrindo em torno a cada assunto estudado um ambiente sympáthico ao espirito do infante, tornando-lhe assim a comprehensão mais facil, o entendimento prompto, o confronto felicíssimo.

OLAVO BILAC, com as poesias infantis, traçou o plano excellente para os florilégios das escolas.—E a criança começa, então, desde os primórdios da educação na escola, a desinvolver as faculdades artisticas, ao lado das intellectuaes.

NOVALIS, o grande mystico dos DISCÍPULOS DE SAÏS, dizia que a base do prazer era essencialmente musical. O verso é a mais alta expansão *significativa* da música. E como comprehender-se a poesia didáctica sem rythmo e até mesmo sem metro? Era mui commum, outrora, os autores de taes obras métricas nada saberem da arte do verso e viverem em completo desterro do sentimento poético. Ao lado do *pé-quebrado*, vinha o verso sem rythmo, e, de seguida, a estrophe em rimas antipáthicas, que se repelliam, sem sedução sequente, tudo a revelar uma capacidade negativa que irritava e entristecia.

Particularmente, em referencia á prosa, pouco melhor andávamos. O publicista pedagogo raramente era um escritor. E alinhando as ideas mais banaes, em frases de constante fealdade, julgava ter feito obra meritoria, de valia peregrina.

Assim o livro de leitura escolar era um tédio para a meninice, onde raramente o espirito encontrava deleite na narrativa, prazer na belleza natural da expressão.

O livro infantil é cheio de grandes difficuldades: o seu espirito requer em quem o tenta, capacidade de narrador, de philósopho, de psychologo e de estheta.

Nunca soubemos de reformas e educação que houvessem nascido das máximas moraes.—O apólogo que o alumno vai ler deve conter em si todas as ideas moraes relativas ao assunto, não que ellas estejam expressas em motivo de dogmas; mas que resultem da dramatização dos sentimentos, que derivem dos elementos da comparação, do *juizo* que caracteriza o valor moral das *acções* que o escritor fez surgirem e lutarem no conjuncto da efabulação, aproximando-as da verdade *real*, existente na vida quotidiana. O conceito moral não se enuncia; suggere-se.

Para attingir a esta elevação mental, é mister que o autor da obra seja um artista.

COELHO NETTO, entre nós, realiza esse typo de homem-escritor.

As qualidades máximas, que o distinguem e o isolam nas letras portuguezas—a riqueza vocabular, a opulencia da syntaxe, o brilho das imagens, a fulgência dos tropos, a variedade perpétua dos rythmos—collocam-no como o espirito mais bem dotado de quantos ha para a empreza singela e modestissima de auctor didáctico.

A simplicidade só é perfeita quando resulta dum labôr complexo e demorado. E' a simplicidade consciente: nasce do trabalho da vontade; é o supremo esforço para a perfeição.

COELHO NETTO, nos livros para a infancia, comprehendeu admiravelmente esse método: e a sua narrativa é de assunto singelo, ás vezes humilde, tocada porém por successivos clarões de drama, trazendo sempre desperta a consciência de leitorzinho, o espirito alerta, a curiosidade activa, o sentimento no doce sobresalto das emoções artisticas.

Uma intelligência mais meticulosa notaria, talvez, que ha momentos, nas suas páginas, em que a distribuição constante de vocábulos não mui da circulação vulgar, tenta velar a limpidez dos trechos, fazendo pairar sobre certas de suas fábulas um vago constrangimento pelo desvio de attenção que o termo por ventura trouxesse ao desenrolar da narração. Se é verdade que o assunto dita o estylo, como queria mestre FIALHO, tambem é exacto que o estylo é a exteriorização específica do individuo. E assim, abre instantemente um critério de relatividade em toda producção, até descêr ao julgamento semántico das palavras.

Dois vocábulos que o leitor *a* ignora, podem ser de uso familiar do leitor *b*. Devemos confessar, porém, que nos livros para infância o nosso

temor de lhes prejudicar a perfeição e os efeitos benéficos que irão exercer nas intelligencias juvenis, nos deve conduzir a uma maior parcimónia estylistica.

Estes conceitos vêm como uma defesa e como uma accusação. Defesa no que toca á celeuma dos que maldizem em COELHO NETTO a qualidade suprema,—de estylista rico de fórmãs inéditas—, e accusação, porque julgamos que essa faculdade excepcional deverá, nas obras escolares, ser transfiltrada por uma filligrana candidissima, que lhe attenué o turbilhão da forma, fazendo-a mais plácida e menos opulentamente diversa.

Aliás estes ultimos conceitos só se ajustam verdadeiramente no que concerne ao dicionário do escriptor. COELHO NETTO criou uma syntaxe peculiar ao fabulário juvenil. E as frases curtas, successivas, como que desfilando lentamente a meada das ideas á luz do sol, deixam á criança o remanso cerebral necessário para ajuizar com vagar da narrativa.

F. R.



CURIOSIDADES SCIENTIFICAS

O Dilúvio

A sciência não póde admittir que o homem tenha sido testemunha de um dilúvio universal, segundo nos conta a Bíblia; esse phenómeno não se poderia ter dado senão pelo abatimento simultâneo de todos os continentes a baixo do nível do mar, ou por uma prodigiosa elevação das ondas do Oceano. A primeira dessas hypótheses é contrariada pelos factos, pois que os continentes não se poderiam subitamente abater sem produzir uma deslocação geral que teria certamente revolvido os terrenos; ora isto se não deu, pois que por quasi toda a parte as últimas camadas formadas conservaram-se perfeitamente horisontaes.

Quanto a uma elevação súbita das águas do mar, devida a certa chuva milagrosa de quarenta dias, tão abundante que formasse uma camada d'água de superficie igual á do globo inteiro e de espessura de 4.000 metros, (pois que tanto era preciso para que a água attingisse o cume das mais altas monta-

nhas), é hypóthese que se não mais discute. D'onde viriam essas águas? Para aonde se escoariam ellas? Eis aí perguntas ás quaes é impossivel de responder.

Observações cem vezes repetidas demonstram que a média dos dias de chuva em França, por exemplo, é de 113 dias por anno, e que a totalidade da água caída durante esses 113 dias cobriria a França de um lençol d'água de 0,^m681 de espessura; como se vê esta estatística deixa-nos longe dos 4.000 metros exigidos pelo milagre.

Não seria tão absurdo, é verdade, o attribuir o dilúvio a um alevantamento do mar, cujo fundo se houvesse subitamente alcançado, e depois se abatesse para permittir ás águas de re-integrar o seu primitivo leito; mas, nesse caso, o movimento geral de oscillação, que teria lançado as águas para Terra, teria certamente deixado vestígios irrefutaveis. Por toda a parte encontraríamos longas linhas de blocos errantes e que, partindo do centro, naturalmente tomariam o rumo dos diversos mares; ora, isso absolutamente se não dá. Por todo o globo os lagos se teriam enchido d'água salgada, e ainda de nossos dias isso se poderia verificar, como acontece com o Mar Cáspio e outras bacias que estiveram outr'óra em comunicação com o Oceano.

A superfície da Terra, enfim, traria provas indiscutíveis desse grande desastre: ao contrário disso, tudo demonstra que, desde o apparecimento do homem, nenhuma violenta commoção geral abalou o globo terrestre.

Surgimento de uma ilha

Ha apenas alguns meses, appareceu, subitamente, uma ilha no mar das Caraibas.

Surgiu essa nova «terra» na costa-sul da Trindade, e na noite de 4 de novembro último. Acompanhou a apparição fortíssimas detonações, e grandes columnas de fogo e de fumaça que encheram de pánico os habitantes da costa vizinha.

A ilhota mede pouco mais de um hectaro—o aspecto das rochas que a formam denuncia a sua origem vulcânica. Já algumas vezes, no século passado, surgiram, no meio das ondas, dessas ilhas vulcánicas; quasi todas, porém, desapareceram após alguns menses de existência.